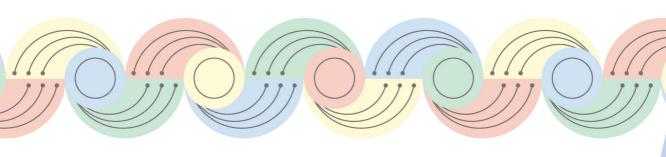


PASSEIO DE MOLICEIRO

UM GUIA SOBRE O PATRIMÓNIO NATURAL E (ULTURAL



PASSEIO DE MOLICEIRO

UM GUIA SOBRE O PATRIMÓNIO NATURAL E CULTURAL

Ficha técnica

Título: Passeio de moliceiro: Um guia sobre o património natural e cultural

Autores: Cristina Pita⁽¹⁾, Lisa P. Sousa⁽¹⁾, Ana Margarida Silva^(1,2), Rosa Pinho⁽³⁾, Inês Amorim⁽⁴⁾, Nuno Miguel Costa⁽⁵⁾, Carlos Costa⁽²⁾, Filomena Martins^(1,6), Helena Albuquerque^(7,8), Ana I. Lillebø⁽³⁾

(1) CESAM - Centro de Estudos do Ambiente e do Mar, Departamento de Ambiente e Ordenamento, Universidade de Aveiro, 3810-193 Aveiro, Portugal

(2) GOVCOPP - Governança, Competitividade e Políticas Públicas, Departamento de Economia, Gestão, Engenharia Industrial e Turismo, Universidade de Aveiro, 3810-193 Aveiro, Portugal

(3) CESAM - Centro de Estudos do Ambiente e do Mar, Departamento de Biologia, Universidade de Aveiro, 3810-193 Aveiro, Portugal

(4) CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar "Cultura, Espaço e Memória", Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 4150-564 Porto, Portugal

(5) Museu Marítimo de Ílhavo, 3830-193 Ílhavo, Portugal

(6) GOVCOPP - Governança, Competitividade e Políticas Públicas, Departamento de Ambiente e Ordenamento, Universidade de Aveiro, 3810-193 Aveiro, Portugal

⁽⁷⁾ GOVCOPP - Unidade de Investigação em Governança, Competitividade e Políticas Públicas, Universidade de Aveiro, 3810-193 Aveiro, Portugal

(8) REMIT - Research on Economics, Management and Information Technologies, Universidade Portucalense, Rua Dr. António Bernardino de Almeida, n.º 541/619, 4200-072 Porto, Portugal.

Coordenação: Cristina Pita, Lisa P. Sousa e Ana Margarida Silva

Data: Novembro 2020

Como citar: Pita C. et al., 2020. Passeio de moliceiro: Um guia sobre o património natural e cultural. Pita C., Sousa L.P., Silva A.M. (Eds). Projeto PERICLES - PrEseRving Cultural Heritage and Landscapes in European Seas. 32p.

Ilustração e design editorial: Sarita Camacho - Estúdio Line of Essence, Faro

Impressão e acabamento: Tipografia Minerva Central

Tiragem: 150 exemplares

Distribuição: Gratuita

Acessível online em: https://www.pericles-heritage.eu/case-region-portugal/



- 04 HISTÓRIA DE AVEIRO
- O 9 RIA DE AVEIRO
- 10 EMBARCAÇÕES TRADICIONAIS
- O 12 SALINAS
- 16 PESCA DO BACALHAU
- 18 ARMAZÉNS DE SAL
- 18 BAIRRO DA BEIRA-MAR
- O 19 PONTE DE CARCAVELOS
- 19 PONTE DOS BOTIRÕES
- 20 MERCADO DO PEIXE
- 20 GASTRONOMIA DA REGIÃO
- O 22 ARTE NOVA
- 24 ANTIGA CAPITANIA DO PORTO DE AVEIRO
- 25 ROSSIO
- 26 ARTE PÚBLICA
- 27 FÁBRICA JERÓNIMO PEREIRA CAMPOS
- 28 BIBLIOGRAFIA CONSULTADA
- 30 GLOSSÁRIO



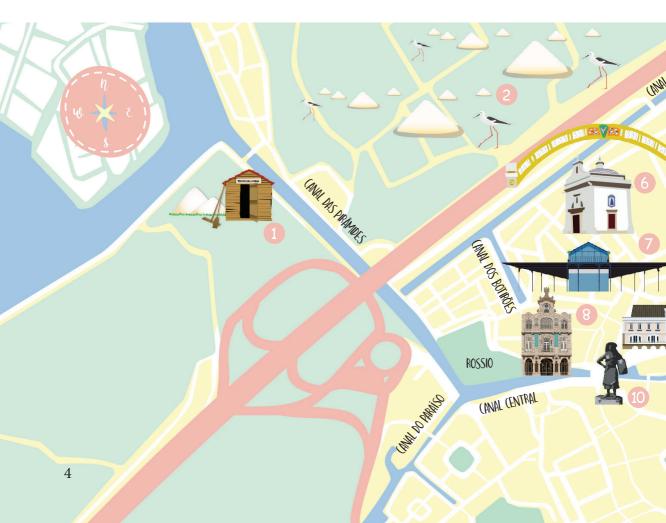


História de Aveiro

Em épocas remotas, muito anteriores à fundação de Portugal (1143), entre Espinho e o Cabo Mondego, a costa apresentaria uma configuração totalmente diferente da atual. No século XII, os rios Antuã e o Vouga desembocavam diretamente no mar. Com o passar do tempo, um lento processo de deposição de areias levou à formação de dois cordões dunares litorais e algumas ilhas dispersas no interior dessa baía. O processo de formação do cordão litoral de dunas, no século XVI, deu origem a uma laguna (ria de Aveiro) na qual desaguam o rio Vouga e outros pequenos cursos de

água. Cortada por uma série de ilhas, canais e esteiros, articulados com a rede hidrográfica, aumentou, cada vez mais, a distância entre a cidade de Aveiro e o seu porto.

Localizada entre o rio e o mar, Aveiro foi, e ainda é, uma importante cidade portuária, integrada nas rotas do comércio internacional marítimo europeu. Aveiro era acessível pelo mar, pela estrada fluvial do Vouga e pela ria que, através do Canal de São João (atual Canal Central), servia de porta de entrada na cidade. Ligada à produção de sal, pesca da ria e do mar, pesca do bacalhau, olaria, construção



e reparação naval, tinha também um papel fundamental na redistribuição de produtos que chegavam do interior, como por exemplo telhas, ferragens, madeiras e cobre, mas também de cerâmicas da própria cidade. Pelos canais circulavam produtos vindos do resto do país e do estrangeiro, como o ferro e as ferragens, os tecidos, entre outros.

Por alturas do século XV, a vila de Aveiro estendia-se para ambas as margens do canal que atravessava o centro da cidade. A prolongada construção das muralhas (de iniciativa do reinado de D. João I prolongando-se pelo período de regência de D. Pedro,

- ECOMUSEU DA MARINHA DA TRONCALHADA
- MARINHAS
- ARMAZÉNS DE SAL
- BAIRRO DA BEIRA MAR
- PONTE DE CARCAVELOS
- CAPELA DE SÃO GONCALINHO
- MER(ADO DO PEIXE
- (ASA MAJOR PESSOA (ARTE NOVA)
- ANTIGA CAPITANIA DO PORTO DE AVEIRO
- ESTÁTUAS DA PONTE
- **MOLICEIRO**
- MONUMENTO AOS OVOS MOLES
- ANTIGA FÁBRICA JERÓNIMO PEREIRA CAMPOS





all an an

CANAL DO CO,10



LAGO DA FONTE NOVA









na menoridade do futuro D. Afonso V) deu uma maior dignidade à vila, distinguindo-a da paisagem que a rodeava. Aveiro tornou-se vila notável em 1581, cidade em 1759, sinal de um prestígio crescente no quadro administrativo nacional. As muralhas desapareceram à medida que a cidade cresceu para fora do seu perímetro, tornando-se a sua pedra útil para a construção e consolidação da barra em 1802.

A zona muralhada encontrava-se a sul do Esteiro do Côjo, numa zona de cota alta, mas ainda próxima do canal onde ocorriam as principais atividades comerciais. Aqui estabeleceuse o aglomerado inicial e era onde vivia a população mais nobre e com atividades ditas mais urbanas. Também aqui se instalavam os edifícios mais significativos, entre os quais, a igreja de S. Miguel (onde hoje está a estátua de José Estêvão, frente à Câmara Municipal), a Santa Casa e Igreja da Misericórdia, o Convento das Carmelitas Descalças (instalado no antigo paço dos Duques de Aveiro) e o edifício da Câmara (quer o primeiro, quer o atual construído em 1794-1999).

Fora da muralha vivia a população de pescadores e mareantes. A norte, do outro lado da margem do canal, desenvolveu-se a Vila Nova (atual zona envolvente da Beira-Mar), que apresentou um elevado crescimento a partir do século XV devido às atividades ligadas à pesca do bacalhau e à exploração de sal. A nascente da muralha (atual zona envolvente à Praça General Humberto Delgado e Avenida Lourenço Peixinho) encontrava-se uma importante zona intimamente ligada ao canal central e que estabelecia a ligação entre a zona muralhada e a Vila Nova, com grande agitação comercial devido às atividades ligadas à exploração do sal, pescas, comércio de frutas e legumes. A poente da muralha existia um dos mais antigos bairros da cidade, o Bairro do Alboi, que era habitado predominantemente por comerciantes estrangeiros (ingleses, holandeses e flamengos).

A ligação com o mar (o porto) conheceu, durante vários séculos, diferentes localizações, entre Ovar e Mira, chegando a haver anos em que a laguna ficava completamente isolada do mar devido às acumulações de areias (assoreamento) e a cidade de Aveiro cada vez mais afastada do mar. Os anos em que a barra estava fechada correspondiam, geralmente, a períodos de maiores dificuldades para os habitantes da região de Aveiro (morte de pessoas e animais, interrupção na produção de sal, pesca na laguna e produção agrícola). A obra de implantação da barra, tão complexa que durou meio século a projetar (1757 a 1802) e seis anos a concretizar (1802-1808), fez-se no meio de paixões, até se fixar no local onde hoje se encontra. Na verdade, só no século XIX, mais concretamente no dia 3 de abril de 1808, a barra de Aveiro foi fixada definitivamente no local onde atualmente se encontra. Esta obra, juntamente com a recuperação do movimento portuário e das atividades de pesca, assumiu uma importância extrema para a região de Aveiro, devolvendo o dinamismo à cidade de Aveiro. Nos finais do século XIX e durante o século XX, assistiu-se a um incremento nas construções, dando origem a uma nova etapa de crescimento urbano e industrial. É neste período

que surge o movimento Arte Nova em Aveiro, que se constrói o Liceu de Aveiro (1855-1860), o Teatro Aveirense (1881), a Escola Industrial (1894), que se abrem novas artérias urbanas, como é o caso da Avenida Dr. Lourenço Peixinho, e que se desenvolvem obras de interesse público, como o Governo Civil, o Tribunal, o novo Hospital, o Parque Infante D. Pedro e a Universidade de Aveiro (1973).

Mesmo após a fixação da barra, os canais centrais na cidade de Aveiro continuaram a sofrer influência do ciclo de marés, com eventos de cheia urbana na preia-mar, e mau cheiro na baixa-mar. Em novembro de 1983, foi adjudicada a empreitada do sistema de eclusas e comportas nos canais da ria de Aveiro com o objetivo de controlar o nível da água nos canais citadinos da ria. Este sistema, inaugurado no dia 23 de novembro de 1985, permitiu, por um lado, reduzir a ocorrência de eventos de cheia na cidade e, por outro, assegurar a navegabilidade dos canais urbanos durante a baixa-mar, incrementando de forma inquestionável o turismo na cidade de Aveiro.



Ria de Aveiro

O valor ecológico e paisagístico das zonas húmidas é inegável. A norte do Tejo, a ria de Aveiro é a maior, mais expressiva e biologicamente mais significativa zona húmida litoral, possuindo um elevado valor de conservação da natureza no panorama nacional e internacional.

A ria de Aveiro é uma laguna costeira de águas pouco profundas, ligada ao Oceano Atlântico através de uma única embocadura (a barra). Localiza-se no litoral centro de Portugal, estando integrada na bacia hidrográfica do rio Vouga. Tem uma área variável entre 83 km² (em preia-mar) e 66 km² (em baixamar), uma largura máxima de 8,5 km na sua zona central, um comprimento de 45 km e uma profundidade média relativamente ao zero hidrográfico de 1 m. A hidrologia da ria de Aveiro é essencialmente dominada pela força das marés, responsável pela forte mistura das massas de água. O influxo de água doce deve-se, principalmente, aos rios Vouga e Antuã.

A ria de Aveiro reúne um conjunto diversificado de biótopos – uns de caráter natural, outros com maior ou menor intervenção humana – interligados por uma densa rede de canais, permitindo a existência de água salobra em zonas muito interiores. Podemos distinguir os seguintes biótopos: sapais, juncais, caniçais, lodaçais, ilhas, massas de água livre, salinas, dunas e áreas de piscicultura.

O magnífico enquadramento geográfico e a imensa fonte de recursos naturais disponíveis proporcionaram, desde muito cedo, a sua exploração por parte da população que aí se fixou, tendo contribuído, em grande parte, para a atual configuração da laguna. A beleza paisagística e a elevada biodiversidade desta valiosa zona húmida, reconhecidas pelos diversos estatutos de conservação da natureza atribuídos (onde se destaca a classificação de Zona de Proteção Especial (ZPE), em 1999, e Sítio de Importância Comunitária (SIC), em 2014, no âmbito das Diretivas Aves e Habitats, respetivamente), reforça a necessidade de valorizar, conservar e promover de forma sustentável o vasto património natural existente nesta região.

A ria de Aveiro teve, e continua a ter, um papel essencial no desenvolvimento económico e cultural da região e da cidade. São exemplo disso a apanha do moliço, a construção naval, a produção de sal, a pesca artesanal, a pesca longínqua à Terra Nova, atividades muito relevantes no passado. De realçar ainda a elevada biodiversidade e a existência de condições propícias à prática de desportos náuticos e ao turismo.

Embarcações Tradicionais

Muito importantes na ria de Aveiro são as embarcações tradicionais, que fazem também parte da sua história, e que nela vaguearam ou ainda vagueiam. A sua utilização adapta-se às características dos canais da ria (profundidade) e à função que desempenham. Seriam vários os tipos de embarcação, exigindo conhecimentos de construção. Parte do segredo da arte estava no pau de pontos, que continha as medidas a aplicar em cada embarcação, e que era transmitido de geração em geração (cultura técnica). De acordo com a sua função, no apoio às atividades na ria no passado, distinguem-se vários tipos de embarcação: o barco saleiro ou salineiro para o serviço nas salinas; o moliceiro para a apanha do moliço; o mercantel para o transporte de pessoas e mercadorias; as bateiras da Murtosa, designadas chinchorra e labrega, e a bateira de Ílhavo, *ílhava*, para a pesca fluvial; a bateira caçadeira, usada na caça de aves aquáticas e passagem de pessoas e que é ainda hoje usada para a pesca na laguna e para o transporte de pessoas para as marinhas de sal.

Com as alterações no modo de vida das comunidades ribeirinhas, a maioria destas embarcações deixaram de ter o uso tradicional, assumindo, atualmente, funções associadas ao lazer e cultura. São exemplo disso os *moliceiros* e *mercantéis*, utilizados nos dias de hoje pelas pelas empresas marítimoturísticas para realizar passeios nos canais urbanos da ria de Aveiro. O *moliceiro* é uma embarcação adaptada

às características da laguna, com canais de baixa profundidade, e à função que desempenhava na apanha e transporte de moliço, ou alternativamente junco. Por este motivo, o barco moliceiro tem fundo plano, pequeno calado e costado baixo. O seu comprimento variava conforme a zona de navegação a que se destinava, estando entre os nove e os 15 metros. A sua capacidade de carga variava entre as quatro e cinco toneladas. Era um barco rápido e ágil, usando como meio de propulsão a vela, a vara e a sirga. Quase desaparecido em 1980, voltou a ressurgir com novas funções. Na verdade, atualmente, estas embarcações utilizam o motor como meio de propulsão para o transporte de turistas nos canais urbanos. O moliceiro distingue-se pela sua silhueta elegante e bela, e pelo conjunto de painéis coloridos de arte popular que o adornam à proa e à ré. Estes painéis exibem motivos jocosos, religiosos, sociais, históricos e lúdicos, contam histórias, aliando a estética e a vida quotidiana da população local.

O moliço, constituído por algas e algumas plantas superiores aquáticas, era utilizado como fertilizante nos campos agrícolas arenosos, constituindo-se um complemento vital da agricultura de subsistência praticada na região. Podese afirmar que foi o fator preponderante da transformação de extensas áreas arenosas em terras de cultura, na região. As principais plantas vasculares que entram na composição do moliço são: *Zostera noltii* (musgo, sirgo, seba), *Zostera marina* (fita), em risco na ria de

Aveiro, *Potamogeton pectinatus* (rabo), *Ruppia cirrhosa* e *Ruppia maritima* (ambas conhecidas como erva-do-arganel ou sirgo). As áreas cobertas pelo moliço são de elevada importância biológica, pois constituem abrigo para juvenis de espécies piscícolas, são fonte de produção primária e servem como acumuladoras de energia e nutrientes.

O mercantel foi uma das primeiras embarcações lagunares a surgir na ria de Aveiro, dando resposta ao intenso movimento de troca de mercadorias e à necessidade de criar embarcações robustas e adaptadas ao meio em que se deslocavam. Também denominada barca, era a maior e mais possante embarcação que navegava nos canais da ria de Aveiro. Como o nome indica. trata-se de um barco de transporte, com uma capacidade de carga a rondar as 12 toneladas. De grande importância para o desenvolvimento económico da região lagunar, o mercantel tinha como funções principais a passagem de pessoas

entre regiões ribeirinhas e a carga e o transporte de mercadorias, como por exemplo vinho, frutas, cereais e outros produtos agrícolas, lenha, caulino, areia e pedra. Quando era utilizado na safra do sal, tomava o nome de *saleiro* ou *salineiro*. Para garantir que não havia discrepâncias entre as medidas dadas pelo marnoto, à saída das marinhas, e as medidas conferidas pelos armazéns salineiros, o *mercantel* era uma embarcação muito fiscalizada.

O mercantel tem uma configuração semelhante à do *moliceiro*, mas com traços menos elegantes no que diz respeito à forma da proa e painéis. Distingue-se do barco *moliceiro* por ter maior dimensão (rondando os 18 m de comprimento) e pela forma da proa, em curva não forçada e rematando em bico, de maneira mais natural, não tendo por isso a leveza das linhas do *moliceiro*. O mercantel navegava muito bem à vela, distinguindo-se pela sua robustez e construção sólida, sendo muito estável a navegar, mesmo com ventos fortes. A sua decoração é simples, com pinturas mais sóbrias do que o moliceiro, apenas ostentando signos à proa e à ré.

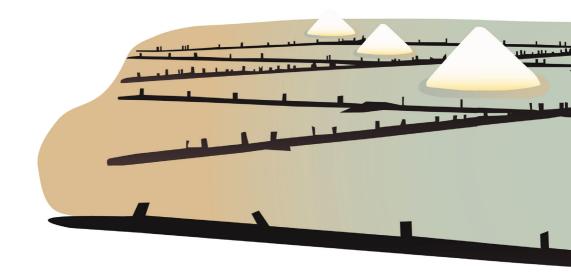


Salinas

As salinas, denominadas marinhas em Aveiro (o único local em Portugal que assume esta designação para salinas costeiras), são um elemento singular na paisagem, história e ecossistema da ria de Aveiro. A produção de sal é uma prática antiga que, ao longo de séculos, representou um papel de grande importância na história, com repercussões na economia e na cultura dos povos. Em Portugal, o primeiro documento conhecido a mencionar salinas em Aveiro é do ano de 959 e refere a sua doação, pela Condessa Mumadona Dias (que viveu no século X, senhora de um extenso território no noroeste da Península Ibérica), ao mosteiro de Guimarães, repetindo-se estas referências aos mosteiros como grandes proprietários e administradores de marinhas de sal (em Aveiro, o Mosteiro de Jesus é um exemplo) e outras instituições (como a Misericórdia de Aveiro ou outros).

O conjunto de salinas é designado

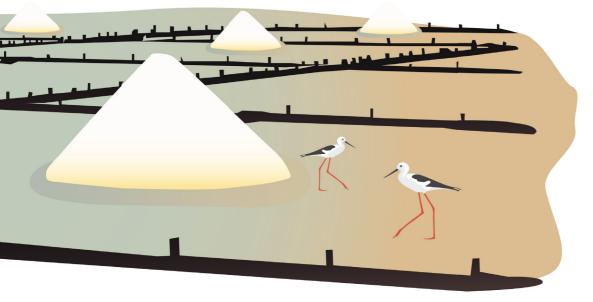
como Salgado, existindo em Portugal continental 5 salgados: Salgado de Aveiro, Salgado da Figueira da Foz, Salgado do Tejo, Salgado do Sado e Salgado do Algarve. As salinas de produção artesanal (feita com recurso a mão-de-obra) ainda em atividade encontram-se localizadas em: Aveiro, Figueira da Foz, Alcochete, Alcácer do Sal e Algarve. A produção de sal representou, até meados do século passado, uma fonte de rendimento para as comunidades, entrando em declínio a partir da segunda metade do século. Diversas razões justificam este declínio, nomeadamente o surgimento dos equipamentos de refrigeração para a preservação dos alimentos, o consumo de quantidades inferiores de sal, a concorrência entre zonas produtoras de sal a nível internacional e o surgimento e crescimento da produção com meios mecânicos. Esta produção de caráter industrial permite uma produção em major escala com custos inferiores.



Apesar de os custos de produção se manterem, a diminuição do consumo e a queda dos preços, aliados aos elevados custos de manutenção das marinhas, conduziu ao abandono destas áreas, levando a alterações do uso do solo, de que são exemplo a construção de infraestruturas viárias e a proliferação da aquicultura. Do ponto de vista cultural e ambiental, as marinhas de sal são espaços construídos pelo homem, que o transforma (escoa água, limpa os fundos, constrói tanques, acompanha o circuito da água salgada, agita-a, colhe o sal), e têm um papel muito importante na preservação da paisagem, conservação da natureza e da biodiversidade. Estas áreas são consideradas habitat de substituição porque criam um ambiente atrativo para diferentes espécies de aves nidificarem e se alimentarem. Ao serem espaços com elevado teor de salinidade limitam as espécies de flora existentes: espécies tolerantes à

salinidade, denominadas halófitas. A salicórnia (*Salicornia ramosissima*) é a mais conhecida, sendo utilizada na gastronomia como substituto do sal, sobretudo na cozinha *gourmet*.

As salinas são um local de extrema importância para a vida selvagem, acolhendo várias espécies de animais. Geralmente, são habitantes sazonais que vêm em busca de alimento, abrigo ou reprodução. As aves são as mais visíveis e abundantes, com domínio das chamadas aves limícolas, assim conhecidas por se alimentarem de pequenos invertebrados que vivem no *limus* (lodo em latim) e que têm características anatómicas particulares, como é o caso dos membros inferiores longos e finos que permitem que se alimentem em zonas de águas com alguma profundidade e o bico comprido para a prospeção no lodo. A grande maioria da avifauna utiliza as salinas como local de repouso durante a preiamar, quando escasseiam as zonas não



alagadas. É nessa altura que podemos observar bandos de limícolas e gaivotas. No inverno podemos observar centenas e até milhares de aves, incluindo as limícolas, aquáticas, rapinas e passeriformes nas salinas.

No entanto, só as salinas ativas e preservadas funcionam como local de refúgio e alimentação e nidificação para as aves, pois estando degradadas, ficam sujeitas ao regime de marés e perdem as características que as tornam tão importantes para a avifauna.

Entre as aves limícolas podemos encontrar o pilrito-comum (Calidris alpina), o alfaiate (Recurvirostra avosetta), o perna-vermelha (Tringa totanus), o perna-longa (Himantopus himantopus), o borrelho-de-coleirainterrompida (Charadrius alexandrinus), e a andorinha-do-mar-anã (Sternula albifrons). Na primavera, estas três últimas espécies nidificam nas salinas. No que diz respeito às aves aquáticas, podemos observar os flamingos (Phoenicopterus roseus), o guinchocomum (Chroicocephalus ridibundus), a gaivota-de-asa-escura (Larus fuscus) e a garça-branca-pequena (Egretta garzetta).

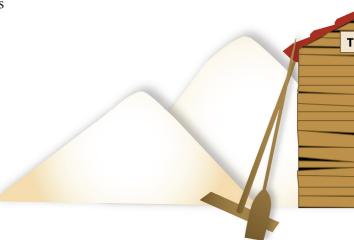
De grande importância são também os invertebrados, sobretudo pelo facto de representarem uma fonte de alimentação para as aves, como é o caso das larvas de insetos, os anelídeos (minhocas), os gastrópodes (berbigões) e os crustáceos (camarões e caranguejos).

O solo das marinhas é constituído por argila e areia compactada. É um solo com uma grande diversidade de organismos que servem de alimento para as aves.

Nos compartimentos menos profundos das salinas a tonalidade rosada da água indica a presença da microalga *Dunaliella salina*, cuja tonalidade é devida ao betacaroteno. O mini crustáceo *Artemia salina* alimentase da microalga e os flamingos, ao alimentarem-se da *Artemia* por muito tempo, adquirem a cor rosada.

As marinhas também são "visitadas" por um conjunto de *mamíferos* como ratos, ratazanas, gineta, doninha, raposa e lontra.

Fazer sal é o "saber fazer" dos homens que trabalham no sal (em Aveiro chamados marnotos): as alfaias (utensílios de madeira) são utilizadas para movimentar os circuitos da água e do sal em grãos e guardadas em



palheiros (pequenos edifícios que o marnoto usa ainda para descansar), o sal é acondicionado nas eiras até ser vendido, transportado (no passado, nos barcos *salineiros* ou *saleiros*, atualmente, por via terrestre) e acumulado nos armazéns de sal para escoamento comercial. O abandono das salinas e o declínio da atividade de produção artesanal de sal coloca em risco todo este património natural e cultural, material e imaterial.

Nos anos mais recentes, as salinas têm sido objeto de interesse por parte de empreendedores que as identificam como áreas multifuncionais, onde podem ser desenvolvidas várias atividades e explorados novos produtos. À data, estão ativas oito salinas, onde se desenvolvem várias atividades compatíveis com a produção de sal,

nomeadamente atividades turísticas de visita e observação de aves, e atividades de saúde e bem-estar, como a sua utilização para banhos (exemplo das marinhas Grã Caravela, Peijota e Noeirinha) e tratamentos com argilas. As antigas marinhas de sal têm vindo a ser também reconvertidas em pisciculturas e em áreas para criação de bivalves, como por exemplo ostras. Como novos produtos das salinas para fins comerciais destacam-se a salicórnia, a flor de sal, também aromatizada com ervas e especiarias, os sais de banho, entre outros.

Na envolvente do Canal das Pirâmides pode-se visitar o Ecomuseu da Marinha da Troncalhada, o único núcleo museológico ao ar livre associado à produção artesanal de sal na região. Este espaço permite que o visitante possa fazer a visita de forma independente com recurso aos diversos painéis interpretativos ou através de visita guiada, mediante pedido ao serviço educativo do Museu da Cidade. O ecomuseu divulga as práticas e vivências associadas à produção de sal, à paisagem e à fauna e flora das salinas.



Pesca do Bacalhau

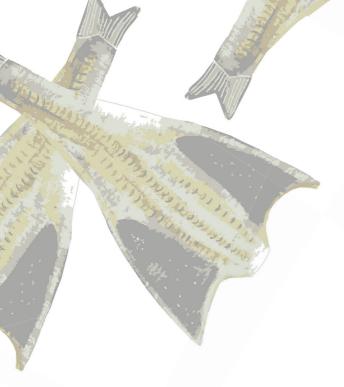
O "nosso bacalhau", aquele que há muitos séculos pescamos e consumimos, vive nos mares do Hemisfério Norte, perto do círculo polar Ártico, em águas com temperaturas até aos 12 graus celsius. Com a idade de dois anos, o bacalhau pode atingir 40 cm de comprimento e, com sete anos, mede de 70 a 80 cm, podendo pesar quatro quilos. Embora o bacalhau não seja um peixe do nosso mar, a relação de Portugal com a pesca e o consumo de bacalhau é um fenómeno antigo, que remonta à chegada dos europeus à Terra Nova e ao Labrador, no começo do século XVI. Desde então, o bacalhau do Atlântico entrou nos nossos hábitos alimentares, tornando-se um elemento central na cultura portuguesa, o seu principal símbolo de identidade.

A abundância de bacalhau nos mares do norte e a facilidade de o conservar explicam o interesse comercial pela pesca e um consumo que depressa se generalizou. A conjugação da salga e da secagem são processos simples e eficazes de conservação, a bordo e em terra. Depois de curado, o bacalhau mantém, por todo o ano, as suas qualidades nutricionais. A descoberta do bacalhau, como alimento e negócio, relaciona-se com a resposta que ele trouxe ao abastecimento alimentar das populações europeias medievais – uma dieta alimentar pobre em proteínas de origem animal e onde o peixe fresco dificilmente chegava. Do século XVI em diante, o hábito de comer bacalhau também se enraizou por obrigação religiosa. Na Quaresma e noutras



festividades, a Igreja Católica impunha jejum e abstinência de carne. Durante quase um terço dos dias do ano, a dieta católica assentava nos cereais, no peixe de rio e no bacalhau salgado.

No século XV, os portugueses iniciaram a sua corrida ao bacalhau competindo com ingleses, espanhóis e franceses. Atribui-se a Gaspar Corte Real a primeira viagem ao noroeste Atlântico, em 1500. A abundância de peixe nos bancos da Terra Nova, a facilidade de o conservar a bordo e os lucros do negócio interessaram os mercadores e a própria Coroa portuguesa. No foral de Aveiro, em 1515, refere-se já o imposto "dos bacalhaos". Em 1552 o porto de Aveiro não só tinha maior número de navios no "Entre Minho e Vouga", como a maior tonelagem total. Em finais do século XVI, Portugal deixou de enviar navios à Terra Nova, por isso o hábito alimentar do bacalhau passou a depender do que vinha de fora.



A pesca ao bacalhau por homens e navios portugueses foi retomada no século XIX, em 1835, pela Companhia de Pescarias Lisbonense, que pouco depois viria a falir. Porém, as duras campanhas na Terra Nova começaram a ser feitas por veleiros equipados com dóris (pequenas embarcações que se espalhavam em torno do navio principal). A pesca do bacalhau intensificou-se e o consumo cresceu. O bacalhau era "fiel" e "amigo", desde que acessível no preço e se não faltasse à mesa dos portugueses.

Ano após ano, de vários pontos do litoral português, iam muitos homens ao bacalhau tendo de desempenhar as mais variadas funções a bordo. Procuravam o sustento e um salário menos incerto; mais tarde, alguns também embarcavam para escapar às guerras coloniais. Destreza, coragem e experiência de mar eram qualidades que se procuravam nos homens, tanto para a pesca à linha como para o arrasto.

Exigia-se-lhes disciplina e empenho na tarefa de abastecer o país.

A II Guerra Mundial trouxe grande insegurança à pesca do bacalhau. Perante a teimosia de manter a frota em atividade, os navios que quisessem alcançar os bancos da Terra Nova e da Gronelândia ficavam expostos ao perigo da guerra submarina. A neutralidade portuguesa obrigou à navegação em comboios, com dezenas de navios alinhados, todos pintados de branco. A "frota branca" alimentou uma lenda internacional.

Após a adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia (CEE), a frota bacalhoeira nacional começou a ser desmantelada. Reagindo ao declínio da frota, a indústria adaptou-se e modernizou-se. Alguns capitais interessaram-se pela transformação de bacalhau, agora com base em matéria-prima importada, bacalhau congelado e depois curado à maneira tradicional portuguesa. A tecnologia matou parte da saudade, mas não a vontade de memória, que se alojou em diversos lugares. São diversas as instituições que a guardam e renovam: museus, como o Museu Marítimo de Ílhavo e o Navio-museu Santo André, confrarias e academias, investigadores e artistas, homens e mulheres do mar. Todos quantos se dedicam, em Portugal e nas comunidades portuguesas de todo o mundo, à preservação do património bacalhoeiro e mantêm viva a memória e o gosto pelo "Fiel Amigo".

Armazéns de Sal

Em Aveiro, o armazenamento do sal é feito tradicionalmente na salina, nas eiras. Para proteger o sal das impurezas e evitar a exposição à chuva, com a sua consequente dissolução, fazem-se montes que eram inicialmente cobertos com junça ou bajunça (Bolboschoenus maritimus), e, atualmente, com plástico. Esta forma de armazenamento difere da de outros locais, como a Figueira da Foz, onde os armazéns se localizam nas salinas. Em Aveiro, o sal só era transportado para os armazéns de sal (palheiros de madeira de dimensões maiores do que os existentes nas salinas) na altura da comercialização, ou seja, da venda ao grossista. Estes armazéns estavam situados maioritariamente no chamado Cais de S. Roque, localizado ao longo do Canal com o mesmo nome.

O Canal de S. Roque foi alargado a partir do antigo Esteiro de Sá, em finais da primeira metade do século XX, para o transporte do sal extraído das salinas de Aveiro e armazenado nos palheiros. Foi também aberto

o Ramal¹ de S. Roque (1913) para fazer a ligação entre o Canal e a estação ferroviária de Aveiro, com o propósito de escoar o sal, após um longo processo de modernização deste espaço. Esta zona foi, durante muito tempo, o centro do comércio do sal em Aveiro. Subsistem, ainda hoje, alguns palheiros no Canal de S. Roque, embora em número reduzido. Alguns foram recuperados e convertidos para albergar outras atividades, enquanto outros se encontram em avançado estado de degradação. A Salineira Aveirense é o único armazém de sal que mantém a sua função original.

O Bairro da Beira-Mar

O bairro da Beira-Mar, conhecido na época áurea do sal por Vila Nova, é o bairro mais típico, mas não o mais antigo, da cidade de Aveiro. Aqui moravam os pescadores e marnotos, que exerciam as suas atividades na ria. A arquitetura era simples e incluía casas térreas, estreitas, com apenas uma porta e uma janela, coloridas e revestidas com azulejo, para as proteger da humidade e do salitre.

O bairro da Beira-Mar possui o seu próprio padroeiro: São Gonçalinho.





¹ Não era de um ramal que se tratava, mas de uma simples dependência da estação, o que frustrava as aspirações dos negociantes do sal e do pescado, embora tenham sido construídos diversos palheiros para armazenamento do sal.

Todos os anos, no início do mês de janeiro são realizados os festejos em honra deste santo, de grande devoção, não só pelas gentes da Beira-Mar, mas por todos os aveirenses. Esta é uma festa muito peculiar, onde do alto da capela em forma hexagonal (que terá sido construída em 1714) se atiram milhares de cavacas (um pão doce, em forma de concha e muito rijo), que são apanhadas pelos populares socorrendo-se dos mais diversos objetos (como nassas, guarda-chuvas, etc.). Este ritual, que serve para pagar as promessas ao "santo", - na realidade é beato - que os aveirenses tratam como sendo o seu "menino".

Ponte de Carcavelos

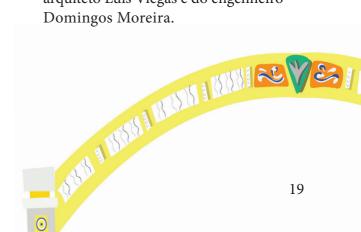
Sobre o Canal de S. Roque encontrase uma das pontes mais emblemáticas de Aveiro. Em forma de arco, decorada com balaústres e com o brasão da cidade, a Ponte de Carcavelos é uma das mais antigas de Aveiro e uma das mais bonitas. Foi construída em 1943, após a queda da ponte original em madeira, que terá ruído durante as festas de Nossa Senhora das Febres devido ao excesso de peso das pessoas que assistiam à corrida de bateiras.

Existem duas teses distintas quanto à origem do seu nome: uma afirma que a designação se deve ao facto de a ponte ter a forma da ferramenta usada pelos construtores navais; outra, que na margem norte da ponte se encontrava uma salina com este nome.

Ponte dos Botirões

A Ponte dos Botirões adotou o nome de uma arte de pesca utilizada, no passado, pelos pescadores de Aveiro na apanha, sobretudo, da enguia. Denominada, também, por "Ponte do Laço" pelos aveirenses, devido à semelhança da estrutura central com um laço, é uma ponte pedonal circular que une as quatro margens de dois canais: o Canal de S. Roque e o Canal dos Botirões. A ponte é única em Aveiro pela possibilidade de permitir atravessar dois canais e pela sua forma e desenho. A ponte permite a circulação a pé, de bicicleta e a utilização por utentes com mobilidade reduzida, pela existência de rampas além do acesso por escadaria. Foi construída ao abrigo do Programa Polis, sendo o projeto da autoria do arquiteto Luís Viegas e do engenheiro





Mercado do Peixe

O mercado do peixe, localizado na conhecida Praça do Peixe, é um edifício com uma arquitetura em ferro, que no século passado foi designado Mercado José Estevão. Este edifício foi alvo de recuperação em 2004, ao abrigo do Programa Polis, que permitiu a sua adaptação para um espaço polivalente, conciliando a sua atividade tradicional de venda de peixe com novas atividades, nomeadamente o desenvolvimento de pequenos eventos culturais. É nesta zona do centro da cidade, envolvente ao mercado, que está situada grande parte da animação noturna e da oferta de restauração.

Gastronomia da Região

A região de Aveiro é também conhecida pela sua gastronomia, enriquecida pela vasta tradição associada à ria e ao mar, mas também pela sua envolvente rural. Quanto às receitas de peixe, a região é conhecida pela caldeirada de enguias, as enguias de escabeche, a raia em molho pitau, as espetadas de mexilhão, o bacalhau ("fiel amigo")





Arte Nova

A Arte Nova em Portugal surgiu no início do século XX, tardiamente em relação à Europa. Em Aveiro, a Arte Nova surgiu pela mão dos arquitetos Ernesto Korrodi e Francisco Silva Rocha, com trabalhos um pouco por todo o país, mas sobretudo na região de Aveiro. Distinguida como a cidade-museu da Arte Nova em Portugal, Aveiro é membro da "Réseau Art Nouveau Network"³, a par de cerca de duas dezenas de cidades dispersas por toda a Europa e Cuba.

Em Portugal, este movimento artístico assumiu um caráter maioritariamente decorativo, principalmente nos elementos das fachadas. O aspeto mais emblemático da Arte Nova portuguesa, e particularmente em Aveiro, reside na introdução dos motivos característicos daquele movimento artístico, que se inspira na natureza, num suporte tão tradicionalmente português como o azulejo, tirando partido da produção artística de azulejo na Fábrica da Fonte Nova e na Fábrica dos Santos Mártires.

Para além de Francisco Silva Rocha, tiveram relevância neste movimento local os arquitetos Jayme Inácio dos Santos, José de Pinho, Carlos Mendes.

Junto ao Canal Central pode apreciarse alguns dos mais belos exemplares de Arte Nova de Aveiro, como é o caso do Museu Arte Nova, antiga Casa Major Pessoa, a Casa dos Ovos Moles, o Museu da Cidade, a Antiga Coope rativa Agrícola e a Antiga Capitania do Porto de Aveiro, atual Assembleia Municipal.

Museu Arte Nova, antiga Casa Major Pessoa

A Casa do Major Mário Belmonte Pessoa, situada na Rua Barbosa de Magalhães, constitui um dos exemplos mais significativos da expressão que o movimento Arte Nova alcançou em Aveiro, estando classificado como Imóvel de Interesse Público desde 1997. Construída entre os anos de 1907 e 1909⁴, a Casa Major Pessoa destaca-se pela fachada profusamente decorada, onde foram empregues diferentes materiais, que convergem numa composição geral marcada pela procura da linha curva e pela ornamentação de inspiração floral. Nesta casa localiza-se o Museu Arte Nova de Aveiro, sendo o centro interpretativo da extensa rede de motivos Arte Nova disseminados por toda a cidade de Aveiro, um roteiro com cerca de 28 edifícios classificados e devidamente identificados.

³ Rede de Arte Nova.

⁴ Apesar de o projeto não se encontrar assinado, o jornal "Campeão das Províncias", da época, bem como a sua bisneta Maria João Fernandes atribuíram a construção a Francisco Silva Rocha. Não existe certezas quanto a uma eventual parceria com o arquiteto Ernesto Korrodi, contudo existe um estudo para a fachada posterior da autoria de Korrodi.

Casa da Cooperativa Agrícola



Antiga Capitania do Porto de Aveiro

A origem do edifício está ligada a um moinho de marés para fazer moagem, cuja construção foi autorizada em 1406. O edifício, de um só piso, assentava sobre os arcos por onde corria a água que fazia andar as mós, no fluxo e refluxo das marés. Estava localizado entre dois esteiros/canais: a norte. o antigo Canal do Côjo – aterrado no século XX, nomeadamente para construção da atual Avenida Dr. Lourenço Peixinho – e, a sul, o atual Canal do Côjo, junto ao qual instalaramse várias indústrias cerâmicas. Em 1830, Pinto Basto adapta o edifício para instalar uma fábrica de moagens, altura em que é instalada uma máquina a vapor. Mais tarde, serviu de depósito de produtos das minas do Braçal e Palhal (1856), armazém

de encaixotamento de laranjas para exportação para Inglaterra (1856), composição e impressão do jornal *Districto* de Aveiro (1866) e Companhia Aveirense de Moagens (1880). Em 1893, um projeto de Francisco Silva Rocha adaptou o imóvel para a Escola de Desenho Industrial Fernando Caldeira, acrescentando-lhe algumas características Arte Nova. Atualmente, encontra-se aqui instalada a Assembleia Municipal de Aveiro. No rés-do-chão existe uma sala ampla que é utilizada para a instalação de exposições temporárias.



Rossio

O Rossio é hoje um espaço ajardinado, de lazer, com acesso ao Canal Central e com vista para o bairro histórico do Alboi, a ocidente. As suas palmeiras⁵ evocam o local portuário da navegação à vela e um ambiente tropical trazido da navegação longínqua. Este carismático terreiro conta com mais de 500 anos de história. Antes de ser terreiro, parte era uma marinha de sal, chamada Rossia, aterrada por volta de 1875. Foi morada da Capela de S. João, um pelourinho, dois velódromos, duas praças de touros, um cinema, um teatro, um salão de chá e um campo de futebol - muitas destas funções eram de carácter temporário. O Rossio foi um local de carga e descarga de mercadorias provenientes do mar e aqui realizou-se, durante anos,

a antiquíssima Feira Franca (hoje conhecida como Feira de Março). A primeira edição da Feira decorreu em 1434, ano seguinte ao começo do reinado de D. Duarte. Foi desde sempre um atrativo para a população da vila de Aveiro, das povoações vizinhas e até distantes. Começou por ter lugar junto ao Canal Central, depois passou para o Largo do Rossio, seguindo-se o Parque Municipal de Feiras e Exposições. É considerada uma das maiores montras económicas da região, com uma tradição de quase 600 anos.

⁵ Aqui já estiveram bem assentes 29 palmeiras mas, depois da epidemia do escaravelhovermelho, a partir de 2016, esse número diminuju drasticamente.



Arte Pública

Ao longo dos canais é possível observar várias obras de arte pública que mantêm viva a memória de tempos passados, fazendo referência a símbolos característicos da região, a figuras tradicionais da cidade e a atividades tradicionais associadas à ria de Aveiro. São exemplo disso:

• Os painéis de cerâmica em relevo junto ao Canal Central, a revestir a parede que suporta o terraço em que assenta a Praça da República, da autoria de Cândido Teles (1921-1999). Estes painéis evocam atividades tradicionais associadas à ria de Aveiro, como a apanha do moliço e a pesca na ria, bem como as figuras do marnoto e da salineira. A mistura de cores aqui utilizada representa bem a realidade da vida laboral das gentes da beiramar, nomeadamente nas suas vestes e nos utensílios utilizados.



- As estátuas das pontes, um conjunto de quatro estátuas em bronze, da autoria de Afonso Henrique, colocadas nas quatro extremidades da ponte sobre o Canal Central, atual Praça Humberto Delgado, representando quatro figuras tradicionais da cidade: a Salineira e o Marnoto com os respetivos trajes tradicionais e instrumentos de trabalho (a canastra e o raspão do sal), o Fogueteiro e a Parceira do Ramo com os trajes característicos dos dias de festa.
- Os murais da Praça da República, um conjunto de painéis de azulejo figurativo da autoria de Vasco Branco, integrado no muro do desnível das ruas de Coimbra e Belém do Pará, no acesso à Praça. Destaca-se a representação de algumas atividades tradicionais e símbolos característicos da região, nomeadamente, a produção e transporte do sal em canastras, o barco moliceiro, a pesca, os ovos moles ou a figura típica da tricana.
- O painel azulejar na escadaria do Mercado Manuel Firmino (desenho de Jeremias Bandarra e cerâmica de Zé Augusto) representativo das várias atividades tradicionais da região, como a pesca, salicultura, apanha do moliço, venda de peixe e de amêijoa.
- O monumento aos ovos moles de Aveiro, da autoria do escultor Albano Martins, oferecido à cidade pela Confraria dos Ovos Moles, é composto por um conjunto escultórico representando as formas dos tradicionais doces de ovos de Aveiro a barrica, o mexilhão e o búzio e respetivos moldes.





Fábrica Jerónimo Pereira Campos

No final do Canal do Côjo, na área designada por Fonte Nova, encontra-se um imponente exemplar de arquitetura industrial em barro vermelho, considerado um projeto arrojado pela sua grandiosidade e monumentalidade. Situou-se numa área que fora objeto de regularização e beneficiação do esteiro da Fonte Nova. Em 1891, por ali circulavam embarcações que descarregavam e carregavam diferentes mercadorias nas linguetas do cais de pedra. Nesse mesmo ano, começaram os trabalhos para a abertura do esteiro que deveria estabelecer a ligação à estação do caminho-de-ferro, no aterro das Agras. A construção desse aterro foi decisiva para a escolha do local onde Jerónimo Pereira Campos decidiu estabelecer a sua fábrica de cerâmica de construção, em 1896. Este era o bloco central do complexo industrial da Fábrica de Cerâmica Jerónimo Pereira Campos & Filhos. Não produzia azulejos, mas era fornecedora de matéria-prima para as empresas que os fabricavam. A fábrica foi construída entre 1915 e 1917, consoante o desenho do arquiteto José Olímpio. A vasta dimensão das suas instalações permitia-lhe alargar a gama dos seus produtos e acompanhar o que de melhor se fazia na Europa. Nesta área da Fonte Nova

estiveram outrora instaladas várias fábricas de cerâmica do concelho de Aveiro, servindo-se do Canal do Côjo para fazer a ligação entre o mercado tradicional, acessível pela ria, e os mercados servidos pelo caminho de ferro.

Este edifício, juntamente com uma chaminé isolada que hoje se localiza dentro do lago da Fonte Nova, foram poupados à demolição quase total do complexo industrial⁶ em meados da década de 80. A antiga fábrica alberga, desde 1995, o Centro de Congressos de Aveiro, bem como os serviços municipais e o Centro de Formação Profissional de Aveiro.

⁶ Devido à pressão urbana, a indústria cerâmica presente neste complexo foi deslocalizada, na sua maioria, para as zonas industriais criadas nas zonas limítrofes da cidade de Aveiro.



Bibliografia consultada

Almeida, A.J. (2009). Uma cidade de turismo. In: Neves e Ferreira (Eds.), *História de Aveiro – Sínteses e Perspectivas*. Aveiro: Câmara Municipal.

Almeida, C.A.B. e Fernandes, F.R.C. (2001). *Carta Arqueológica do Concelho de Aveiro*. Aveiro: Câmara Municipal de Aveiro. 80 p. ISBN: 972-9137-82-X.

Amorim, I. (1996). Aveiro e sua provedoria no séc. XVIII: 1690-1814: estudo económico de um espaço histórico (Dissertação de Doutoramento, Universidade do Porto).

Amorim, I. (2000). Urbanismo e cidades portuárias: Aveiro na segunda metade do século XVIII. *Análise Social*, 35(156), 605-650.

Amorim, I. (2001). *Aveiro e os caminhos do Sal, da produção ao consumo (sécs. XV a XX)*. Aveiro: Câmara Municipal de Aveiro.

APOMA (2012). Caderno de Especificações - Ovos Moles de Aveiro.

ARPT Centro de Portugal. Agência Regional de Promoção Turística Centro de Portugal. https://www.centerofportugal.com/pt

Arroteia, J.C. (2015). Município de Aveiro: *vademecum* geográfico.

Azevedo, C.S.S. (2013). A Memória e o Património Marítimo da Costa Norte de Portugal (Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho).

Bastos, M.R. (2009). No trilho do sal: Valorização da história da exploração das salinas no âmbito da gestão costeira da laguna de Aveiro. *Revista da Gestão Costeira Integrada*, 9(3), 25-43.

Biorede. http://www.biorede.pt/

Branco, J. e Costa, N.S. (2017). *História e memória do Porto Bacalhoeiro*. Ílhavo: Câmara Municipal de Ílhavo/Museu Marítimo de Ílhavo.

Caldeira, S. (2017). *Aveiro: Rota do Bairro da Beira-Mar.* Edição de Autor. Câmara Municipal de Aveiro. https://www.cm-aveiro.pt/

Carvalho, M. (2011). Construindo a memória num espaço museológico - O Arquivo de Memórias da Pesca do Bacalhau do Museu Marítimo de Ílhavo. CITCEM 2011

Castro, J. (1943/45). *Estudos etnográficos*. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura

Curado, M.J. (2019). Evolução Urbana de Aveiro: Espaços e bairros com origem entre os séculos XV e XIX. Aveiro: SANA Editora. 115 p. ISBN: 978-989-54530-2-3

Dias, J.M., J.F. Lopes e I. Dekeyser (2000). Tidal propagation in Ria de Aveiro lagoon, Portugal. *Physics and Chemistry of the Earth*, 25: 369-374.

Direção Regional de Cultura do Centro. https://www.culturacentro.gov.pt

Fonseca, S. (2011). Embarcações que tiveram berço na Laguna: Arquitetura Naval Lagunar. Porto: Papiro Editora

Garrido, A. (2003). *O Estado Novo e a Campanha do Bacalhau*. Rio de Mouro: Círculo de Leitores.

Gaspar, J.G (1983). *Aveiro: Notas históricas*. Aveiro: Câmara Municipal de Aveiro, 222 p.

Gomes, S.A. (2009). Aveiro nos alvores de quinhentos - Breves considerações. In:

Neves e Ferreira (Eds.), *História de Aveiro* – *Sínteses e Perspectivas*. Aveiro: Câmara Municipal.

Leite, A.V. (2004). Estaleiros e Embarcações. A Salvaguarda do Património (Dissertação de Mestrado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias).

Magalhães, L. (1905). *Os Barcos da Ria de Aveiro*. Portugália: Materiaes para o Estudo do Povo Portuguez, Tomo II–1: 4-62

Neves, A. (1997). *A Arte Nova em Aveiro e seu distrito*. Aveiro: Câmara Municipal de Aveiro 188 p. ISBN: 972- 9137-390

Neves, A., Bismarck, D., coord. (2009). *História de Aveiro: síntese e perspectivas.* Aveiro: Câmara Municipal de Aveiro. 398 p. a 2 colunas. ISBN 978-989-8064-14-1

Neves, A., Semedo, E, Arroteia, J. (1989). *Aveiro do Vouga ao Buçaco*. Editorial Presença. Lisboa. Coleção: Novos Guias de Portugal: 8

Oudinot, J. R. Q. (2009). *Aveiro - Apontamentos Históricos*. Aveiro: Câmara Municipal de Aveiro. 657 p. ISBN: 978-989-8064-16-5

Pina, J. P. (2014). A cidade do sal – um contributo para a integração das salinas no espaço urbano de Aveiro. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura apresentada ao Departamento de Arquitetura da FCTUC. 109 p.

Rede Municipal de Museus de Aveiro. http://mca.cm-aveiro.pt/

Réseau Art Nouveau Network. https://artnouveau-net.eu/pt-pt/city/aveiro/

Rodrigues, M.F. (1996). Os industriais

de cerâmica: Aveiro, 1882-1923. Análise Social, XXXI (2-3), 631-682.

Rodrigues, M.F. (2010). Empresas e empresários das indústrias transformadoras, na sub-região da Ria de Aveiro, 1864-1931. Lisboa: FCT/Fundação Calouste Gulbenkian.

Sarmento, C. (2008). *Práticas, discursos* e representações da cultura popular portuguesa. Porto: Afrontamento

Simões, J. http://www.aveiro.com.pt/turismo/aveiro-gastronomia.html

SIPA - Sistema de Informação para o Património Arquitetónico. http://www. monumentos.gov.pt

Souto, D.A. (1958). Origens de uma feira secular: A feira de Março de Aveiro, Separata do nº. 1398, do Correio do Vouga, de 17 de Maio de 1958, Aveiro

Souto, L., Pinho, R. (2001). *Património Natural I. Prelúdio*. Revista Patrimónios nº 1. ADERAV - Associação para o Estudo e Defesa do Património Natural e Cultural da Região de Aveiro. (pp. 59-73).

Tavares, J.P. (1935). A Festa de S. Gonçalinho. In: *Arquivo do Distrito de Aveiro*, Vol. 1 (pp. 127-133).

Glossário

Alfaias - Utensílios de madeira utilizados na produção artesanal de sal.

Amura - Parte curva do costado, de um e de outro lado da roda da proa (também designada bochecha).

Bajunça (ou junça) - Planta herbácea que nasce e cresce no sapal, usada para cobrir montes de sal.

Biótopo - Meio físico onde vivem os seres vivos de um ecossistema (plantas, animais, micro-organismos); é, pois, o local ocupado por uma comunidade biológica e é definido por parâmetros tais como o clima e características do substrato.

Calado - Altura de água necessária para a embarcação navegar.

Costado - Parte lateral de um e outro lado da embarcação, do casco da embarcação.

Dóri - Pequena embarcação de fundo chato usada nos navios de pesca do bacalhau.

Eclusa - Sistema de comportas que permite aos navios vencer a diferença de nível existente num troço de rio ou canal, por exemplo.

Habitat - Ambiente ou conjunto de condições e circunstâncias físicas e geográficas onde vive e se desenvolve qualquer ser organizado.

Halófita - Plantas cujo habitat natural, possui grande concentração de sais (principalmente cloreto de sódio).

Hidrologia - É a ciência que estuda a ocorrência, distribuição e movimentação da água no planeta Terra.

Junco - Designação comum, extensiva às plantas herbáceas do género *Juncus*, da família das Juncáceas, encontradas

sobretudo em terrenos húmidos ou alagadiços, que se caracterizam por apresentarem hastes cilíndricas e flexíveis que se utilizam para fabricar esteiras e outros objetos.

Marnoto - Homem que trabalha nas marinhas de sal.

Moliço - Vegetação submersa da ria de Aveiro, nomeadamente algas e algumas plantas aquáticas superiores, utilizado no passado como fertilizante nos campos agrícolas arenosos.

Nassas - Camaroeiros na ponta de varas.

Pau de pontos - Vara quadrangular com 1,50 metros de comprimento que tem marcadas, por incisão, todas as medidas necessárias à construção das embarcações.

Plantas vasculares – plantas que possuem vasos condutores de seiva.

Sirga - Cabo que sai do xarolo, circunda o pau da toste, permitindo governar a embarcação de qualquer ponto desta.

Agradecimentos

Agradece-se à Câmara Municipal de Aveiro | Museu da Cidade, em particular à Dra. Ana Gomes, Doutora Gabriela Mota Marques e Dra. Margarida Ribeiro Fortes, aos operadores marítimo-turísticos dos canais urbanos da ria de Aveiro, ao Eng.º Senos da Fonseca e ao Dr. Sérgio Dias pela disponibilidade e colaboração na revisão do Guia.

Este trabalho foi financiado pela Comissão Europeia ao abrigo do Programa-Quadro Comunitário de Investigação & Inovação - Horizonte 2020 (contrato n.º 770504). Ana Margarida Silva beneficiou de uma bolsa concedida pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (SFRH/BD/145485/2019).

Este documento foi produzido no âmbito do projeto PERICLES 'Preservar e governar de forma sustentável as paisagens e o património cultural nas regiões costeiras e marítimas da Europa', financiado pela Comissão Europeia ao abrigo do Programa-Quadro Comunitário de Investigação & Inovação - Horizonte 2020. Destina-se a providenciar aos operadores marítimo-turísticos suporte informativo adequado às visitas guiadas em embarcações tradicionais nos canais urbanos da ria de Aveiro, compilando informação sobre o património natural e cultural envolvente.



Para mais informações sobre o projeto PERICLES consulte a página https://www.pericles-heritage.eu/









Projeto financiado pela Comissao Europeia no ambito do Programa-Quadro Comunitário de Investigação & Inovação - Horizonte 2020 (contrato n.º 770504). O conteúdo desta publicação não reflete necessariamente a opinião da União Europeia